



DE ESQUERDA, AGORA E SEMPRE

MARK LILLA

DE
ESQUERDA,
AGORA
E SEMPRE

Para além das políticas identitárias

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ÍNDICE

Introdução: a abdicação II

I. ANTIPOLÍTICA 23

II. PSEUDOPOLÍTICA 51

III. POLÍTICA 79

Agradecimentos III

© 2018, Mark Lilla
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *The Once and Future Liberal:
After identity politics*
© 2017, Mark Lilla
Todos os direitos reservados.

Título: *De Esquerda, Agora e Sempre:
Para além das políticas identitárias*
Autor: Mark Lilla
Tradução: João Brandão
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Abril de 2018

ISBN: 978-989-671-431-4
Depósito Legal n.º 439585/18

Temos de compreender que há uma diferença entre ser um partido que se preocupa com o trabalho e ser um partido trabalhista. Há uma diferença entre ser um partido que se preocupa com as mulheres e ser o partido das mulheres. Podemos e devemos ser um partido que se preocupa com as minorias, sem nos tornarmos num partido minoritário. Em primeiro lugar, somos cidadãos.

— senador EDWARD M. KENNEDY (1985)

Introdução: a abdicação

Donald J. Trump é presidente dos Estados Unidos. A sua surpreendente vitória veio finalmente espicaçar os liberais e progressistas norte-americanos, empenhados em organizar uma «resistência» contra tudo aquilo que Trump representa: estabelecem redes de contactos, manifestam-se nas ruas, marcam presença nos fóruns autárquicos e atulham as linhas telefónicas dos seus representantes no Congresso. Já se ouve um burburinho animado sobre a reconquista de lugares na Câmara dos Representantes e no Senado, nas eleições a meio do mandato, para não falar da Presidência, daqui a três anos. A procura de candidatos está em marcha, e sem dúvida que alguns funcionários partidários sonham neste momento com os gabinetes que irão ocupar na Ala Oeste da Casa Branca.

*

Era bom que a política nos EUA fosse assim tão simples. Perde a bandeira, reconquista a bandeira. Nós, os liberais¹, já jogámos este jogo. Algumas vezes ganhámos. Tivemos presidentes democratas em quatro dos dez mandatos que se seguiram à vitória de

1 «Liberal», no contexto britânico e norte-americano, designa aquilo a que, na tradição europeia continental, chamamos «progressista». Um «liberal», nos Estados Unidos, é alguém de esquerda ou centro-esquerda. Para evitar equívocos, traduzimos «liberal», no título, como «de esquerda», embora no texto se mantenha a designação que o autor utiliza. (N. do e.)

Ronald Reagan, em 1980, e obtivemos vitórias políticas significativas durante as administrações de Bill Clinton e Barack Obama. Mas se olharmos com mais atenção para as eleições presidenciais, que parecem obedecer ao seu próprio ritmo histórico, de súbito a realidade surge muito mais negra.

Clinton e Obama foram eleitos e reeleitos num contexto de mensagens plenas de esperança e espírito de mudança. Mas quase todos os seus movimentos foram travados por congressistas republicanos autoconfiantes, por um Supremo Tribunal tendencialmente de direita e uma crescente maioria de Governos estaduais sob controlo republicano. As vitórias eleitorais destes presidentes não contribuíram em nada para estancar ou sequer retardar o desvio para a direita da opinião pública norte-americana. Na verdade, muito graças à estrutura mediática da direita, desavergonhada e altamente influente, quanto mais tempo Clinton e Obama permaneciam no poder, mais os norte-americanos desprezavam o liberalismo enquanto doutrina política. E agora temos de lidar com *sites* populistas de extrema-direita que misturam meias-verdades, mentiras e teorias da conspiração, cozinhando uma beberagem tóxica que é prontamente engolida pelos crédulos, os raivosos e os sinistros. Os liberais acabaram então por se tornar no terceiro partido ideológico dos EUA, atrás dos autodeclarados independentes e dos conservadores, mesmo entre o eleitorado jovem e alguns grupos minoritários. Fomos repudiados de forma inequívoca. Donald Trump é, com franqueza, a menor das nossas preocupações. E, se não olharmos para além dele, pouca esperança haverá para nós.

O liberalismo norte-americano do século XXI está em crise: do nosso lado, uma crise da imaginação e da ambição, do lado da generalidade das pessoas, uma crise de empatia e de confiança. É bastante evidente que a grande mensagem que difundimos nas últimas décadas, qualquer que tenha sido, já nada significa

para a maioria dos norte-americanos. Mesmo quando votam nos nossos candidatos, revelam cada vez mais hostilidade diante da forma como falamos e escrevemos (sobretudo quando eles próprios são o assunto), como debatemos, como conduzimos as campanhas, como governamos. As famosas palavras de Abraham Lincoln estão de novo na ordem do dia:

A opinião pública é tudo. Com ela, nada pode falhar; contra ela, nada pode vencer. Aquele que molda a opinião pública vai mais longe do que aquele que manda erguer estátuas, ou que profere decisões judiciais.

A direita norte-americana mostra um entendimento profundo desta lei básica da política em democracia, e por essa razão controlou com eficácia o programa político deste país durante duas gerações. Tanto tempo quanto aquele durante o qual os liberais recusaram aceitar a mesma lei. Tal como *Bartleby*, o escrivão, também os liberais dizem: «Preferia não o fazer.» A questão é: porquê? Por que razão as mesmas pessoas que se orgulham de falar em nome do vasto *demos* norte-americano são tão indiferentes à perspectiva de o comover e de conquistar a sua confiança? É essa a questão que eu quero explorar.

Escrevo na condição de um liberal norte-americano frustrado. A minha frustração não tem como alvo os eleitores de Trump, ou aqueles que apoiaram explicitamente a ascensão deste demagogo populista, nem os que na imprensa olearam a engrenagem da sua campanha, nem sequer esses covardes funcionários de Washington que com ele se alinharam. Deixo para outros este confronto. A minha frustração procede de uma ideologia que durante décadas impediu os liberais de desenvolverem uma visão ambiciosa da América e do seu futuro que fosse capaz de inspirar os cidadãos de todos os estratos sociais e de cada canto do país. Uma

visão que orientasse o Partido Democrata, ajudando-o a ganhar eleições e a dominar as instituições políticas do país durante um longo período de tempo, de modo que conseguíssemos implementar as mudanças que desejamos e de que a América precisa. Os liberais trazem muito para as disputas eleitorais: valores, empenho, propostas políticas. O que não trazem é uma imagem do que poderia ser a nossa forma de vida partilhada. Desde a eleição de Ronald Reagan que a direita tem oferecido esta imagem. E tem sido ela — e não o dinheiro, nem a publicidade enganosa, nem a propaganda do medo, nem o racismo — a fonte original da força da direita. Na disputa pelo imaginário norte-americano, os liberais abdicaram.

De Esquerda, Agora e Sempre é a história desta abdicación. O argumento essencial pode ser resumido em poucas linhas. Sugiro que a história política dos EUA ao longo do século passado pode ser dividida com proveito em duas dispensações, para invocar o termo teológico cristão¹. A primeira, a Dispensação de Roosevelt, estendeu-se desde a era do New Deal até à era do movimento dos direitos civis e da Grande Sociedade² de Lyndon Johnson, na década de 1960, tendo-se esgotado na década de 1970. A segunda, a Dispensação de Reagan, começou em 1980 e está agora a conhecer o seu fim, às mãos de um populista sem princípios e oportunista. Cada dispensação trouxe consigo uma imagem inspiradora do destino dos EUA e um catecismo doutrinário distinto, sendo que ambos definiram os termos do debate político.

1 O «dispensacionalismo» é um conceito teológico usado por algumas igrejas protestantes. Diz respeito ao modo como Deus administra determinados períodos temporais, que correspondem a diferentes formas de testar a obediência dos crentes e de lhes revelar o sentido da História. (N. do t.)

2 «The Great Society» é o nome por que ficou conhecido o ambicioso conjunto de medidas políticas lançadas pelo presidente Lyndon Johnson em meados da década de 1960, visando eliminar a pobreza e a desigualdade racial. Algumas destas medidas, como o sistema de seguros de saúde Medicare e o programa de apoio aos custos médicos Medicaid, ainda vigoram. (N. do t.)

A Dispensação de Roosevelt projectou a imagem de uma América onde os cidadãos se envolviam num projecto colectivo com vista à protecção comum contra o risco, as adversidades e a negação dos direitos fundamentais. As palavras de ordem eram: solidariedade, oportunidade e dever público. A Dispensação de Reagan imaginou uma América mais individualista, onde as famílias e as pequenas comunidades e empresas iriam florescer assim que fossem libertadas dos grilhões do Estado. As palavras de ordem eram: auto-suficiência e Governo mínimo. A primeira dispensação foi política, a segunda, antipolítica.

A grande abdicación liberal começou justamente durante os mandatos de Reagan. Com o final da Dispensação de Roosevelt e a ascensão de uma direita unificada e ambiciosa, os liberais depararam-se com um enorme desafio: conceber uma nova visão política do destino partilhado do país, adaptada às novas realidades da sociedade e corrigida pelos fiascos de abordagens passadas. Este projecto falhou, e em vez disso os liberais entregaram-se à política dos movimentos sociais assentes na identidade, perdendo qualquer noção daquilo que partilhamos enquanto cidadãos e do que nos une como nação. Havia uma imagem representativa do liberalismo de Roosevelt e dos sindicatos que o apoiaram: um aperto de mãos. A imagem recorrente do liberalismo identitário é um prisma que refracte um feixe de luz nas cores que o constituem, produzindo um arco-íris. Isto diz tudo.

A política identitária não constitui novidade nenhuma, em especial para a direita norte-americana. O que se revelou notório durante a Dispensação de Reagan foi o desenvolvimento de uma versão de esquerda da política identitária, a qual veio a tornar-se o credo efectivo de duas gerações de políticos, professores universitários e escolares, jornalistas, activistas de movimentos sociais e funcionários do Partido Democrata. Não se tratou de um

acidente histórico. Na verdade, o fascínio e, mais tarde, a obsessão com a identidade não contestaram o princípio fundamental da doutrina de Reagan. Aliás, reforçaram esse princípio: o individualismo. A política identitária de esquerda começou por dizer respeito a grupos de grande dimensão — os afro-americanos, as mulheres — e procurava corrigir erros históricos gravíssimos, primeiro através da mobilização e, depois, seguindo os procedimentos das nossas instituições políticas, para salvaguardar os seus direitos. Mas na década de 1980 isto deu lugar a uma pseudopolítica, caracterizada pelo egoísmo e por uma definição própria cada vez mais estreita e assente em critérios de exclusão, cultivada hoje, de resto, nas universidades. O principal efeito foi virar os jovens para dentro de si mesmos, em vez de os virar para o mundo. Deixou-os sem preparação para reflectirem sobre o bem comum e o que é necessário fazer, em termos práticos, para o conquistar — em especial, a tarefa exigente e inglória de convencer pessoas muito diferentes de si a aderirem a um esforço comum. Cada passo em frente da consciência liberal *identitária* constituiu um passo para trás da consciência liberal *política*. Sem esta, é impossível vislumbrar o futuro da América.

Por tudo isto, não pode surpreender-nos o facto de o termo *liberalismo* ser actualmente indiferente, quando não hostil, para tantos norte-americanos. Hoje em dia, e não sem justeza, o liberalismo é considerado uma crença professada acima de tudo pelas elites urbanas cultas, isoladas do resto do país, que olham para os assuntos quotidianos através do prisma identitário, esforçando-se para sustentar e alimentar movimentos hipersensíveis, que dissipam, em vez de consolidar, as energias do que ainda resta da esquerda. Ao contrário do que os médicos-legistas centristas encarregados da autópsia da eleição de 2016 possam vir a dizer, não é verdade que os democratas estejam a perder terreno por se terem desviado demasiado para a esquerda. Nem, como insistem

os progressistas, por se terem desviado demasiado para a direita, em especial na economia. Os democratas estão a perder porque recolheram às cavernas que escavaram na encosta daquela que outrora foi uma montanha magnífica.

Prova cabal disto mesmo é a diferença entre as páginas de abertura dos *sites* dos partidos. No momento em que escrevo, a página inicial do *site* do Partido Republicano apresenta um documento denominado «Princípios da Renovação Americana», que consiste numa declaração de posições sobre 11 tópicos políticos genéricos distintos. A lista abre com a Constituição («A nossa Constituição deve ser preservada, estimada e honrada») e fecha com a questão da imigração («Precisamos de um sistema de imigração que proteja as nossas fronteiras, faça cumprir a lei e fomenta a nossa economia»). Na página inicial do *site* do Partido Democrata não temos nenhum documento assim. Em vez disso, avançando até à base da página, encontramos uma lista de hiperligações encabeçada pelo título «Pessoas». Cada hiperligação conduz a uma página feita à medida e ao gosto de grupos e identidades separadas: mulheres, hispânicos, «norte-americanos étnicos», comunidade LGBT, norte-americanos nativos, afro-americanos, asiáticos-americanos e habitantes das Ilhas do Pacífico... Estão lá 17 grupos distintos, para os quais existem 17 mensagens distintas. Dir-se-ia que, por um qualquer erro, fomos parar ao *site* do Governo libanês — e não ao de um partido que possui uma visão de futuro para a América.

Talvez a acusação mais grave que pode dirigir-se ao liberalismo identitário seja o facto de, ao invés de proteger estes grupos, como supostamente pretende, deixá-los mais vulneráveis do que estariam sem a sua intervenção. Há razões válidas para que os liberais concedam uma atenção especial às minorias: são estas que mais facilmente se vêem privadas de poderes civis. Mas em democracia a única forma séria de as ajudar — ou seja, contribuindo

Não seria assim tão mau criar outra geração de cidadãos como eles. O modelo antigo, ajustado aqui e ali, merece ser seguido: paixão e empenho, mas também saber e argumentação. Curiosidade pelo mundo exterior às nossas cabeças e por pessoas diferentes de nós. Preocupação com este país e os seus cidadãos, todos eles, e disponibilidade para fazer sacrifícios por eles. Além da ambição de imaginar um futuro comum para todos nós. Qualquer pai ou educador que ensine estas coisas está a empenhar-se no trabalho político — o trabalho de formar cidadãos. Só quando tivermos cidadãos podemos esperar que eles se tornem cidadãos liberais. E só quando tivermos cidadãos liberais podemos esperar vir a orientar o país para um rumo melhor. Se querem resistir a Donald Trump e a tudo o que ele representa, é por aqui que devem começar.

Agradecimentos

Tenho a imensa sorte de contar com amigos provenientes de famílias políticas muito diferentes. Quero exprimir a minha gratidão a todos aqueles — são demasiados para enumerar — que teceram comentários e críticas, e assim manifestaram a sua solidariedade durante a escrita deste livro. Um agradecimento especial à Russell Sage Foundation e ao seu director, Sheldon Danzinger, por me acolherem amavelmente quando, sem que o tivesse previsto, embarquei neste projecto. E também a Antonia Blue-Hitchens, pela assistência fundamental no trabalho de pesquisa.

Dedico este livro à minha mulher, Diana Cooper, e à minha filha, Sophie Lilla — a Oposição Leal. E ao meu velho amigo Gadi Taub, que anos atrás me instigou a escrever um livro como este.

DE ESQUERDA, AGORA E SEMPRE
FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLERTEXT
E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90 G,
EM ABRIL DE 2018.